

# Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 5, Número 1, Jan.-Jun. 2016

## O VENDEDOR DE PASSADOS: DESCONSTRUÇÃO E REINVENÇÃO DA MEMÓRIA NA OBRA DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA



## O VENDEDOR DE PASSADOS: DESCONSTRUCTION AND REINVENTION OF MEMORY IN THE WORK OF JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Paulo Cesar Ferreira SOARES  
UNIV. ESTADUAL DO RIO GRANDE DO NORTE

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)  
RECEBIDO EM 04/01/2017 • APROVADO EM 31/01/2017

---

### Abstract

---

This work aims to study the work 'O vendedor de passados', of the angolan writer José Eduardo Agualusa Alves da Cunha. In this book, the author presents us memory as impression of a past that, in the relation between characters, becomes an initial process of desconstruction and, later, turns into an usual activity of reinvention. To embase this analysis, we will start from the theoretical postulate of Halbwachs (2003), as well as from the identity aspects related to memory, and, for this, we orient ourselves through the theory of Bauman (2005), among other scholars that point in to a collective conception of memory and, consequently, the recognition of the identity contained in its reinvention

Este trabalho tem como objeto de estudo a obra ‘O vendedor de passados’, do escritor angolano José Eduardo Agualusa Alves da Cunha. Neste livro, o autor nos apresenta a memória como impressão de um passado que, nas relações entre as personagens, torna-se objeto negociável, colaborando, desta forma, com um processo de desconstrução inicial e, mais tarde, transformando-se numa atividade rotineira de reinvenção. Para embasar esta análise, partiremos dos pressupostos teóricos de Halbwachs (2003), como também dos aspectos identitários ligados à memória e para isso nos orientamos através da teoria de Bauman (2005), dentre outros estudiosos que apontam para uma concepção coletiva da memória e, consequentemente, do reconhecimento da identidade contida na sua reinvenção.

---

## Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** Memory. Deconstruction. Identity. Narrative.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória, Desconstrução, Identidade, Narrativa.

---

## Texto integral

---

### INTRODUÇÃO

A representação do passado tem como característica imprescindível a interação com o outro. Quando nos referimos a este “outro”, direcionamos o olhar para um passado construído de uma forma não arbitrária, e, ao mesmo tempo, não tangível. Porém, há um elemento que pode tornar esse passado mais palpável, este elemento vem da memória.

A memória, na nossa concepção, arquiva determinados mecanismos que estão ligados diretamente ao contexto social, bem como às relações interpessoais. Na visão de Halbwachs (2003), a memória não depende apenas da existência do fato, todavia do seu significado compartilhado em grupo e/ou dentro de uma comunidade. “Esquecer um período da vida é perder o contato com os que então nos rodeavam. (HALBWACHS, 2003, p. 37).”

No centro dessa questão sobre a memória, podemos considerá-la como provedora de processos de construção, desconstrução e também de mecanismos que se prontificam para inventá-la, sempre que necessário seja, ou, sobretudo, de reinventá-la. Para que isto ocorra, precisamos identificar as várias maneiras de contato entre sujeito e memória, memória e interação social, interação social e identidade.

No nosso caso, trataremos desses processos que envolvem a memória a partir da literatura, como forma de atribuir um caráter cultural ao estudo da memória e, nesta perspectiva, dinamizar as funções ficcionais no que tange à descoberta dos elementos ligados diretamente ao modo de pensar/refletir das personagens no trato com o passado.

A escolha do livro *O vendedor de passados* foi feita com base nessas condições culturais existentes nas sociedades e no âmbito da memória coletiva ou coletivizada. O autor da narrativa supracitada direciona o leitor para os detalhes muitas vezes ignorados por outros escritores quanto ao convívio com o passado.

Em um trecho da obra, o narrador configura o passado como sendo mercadoria de consumo, ou seja, um produto típico das necessidades e/ou dos vícios humanos. “Haviam-lhe falado num homem que traficava memórias, que vendia o passado, secretamente, como outros contrabandeiam cocaína (p. 07)”. Com isso, inicialmente, deparamo-nos com um liame entre memória e identidade, o que será demonstrado nos próximos tópicos desta pesquisa.

## **VENDEM-SE PASSADOS: A MEMÓRIA EM DESCONSTRUÇÃO**

Na prosa aqui estudada, Félix Ventura, protagonista da história narrada por uma lagartixa, sobrevive de construir passados para pessoas que, por questões identitárias, buscavam se fixar como um verdadeiro autóctone naquela nação, a qual se redescobria depois da colonização.

Era a Angola pós-colonial o pano de fundo escolhido por Agualusa para tratar da constituição da memória em suas nuances sociais. “Considerado um “morador do mundo”, Agualusa retrata em seus trabalhos vários registros dos lugares por onde passou ou morou. (NASCIMENTO, 2013, p. 05).”

Neste cenário onde o homem moderno se sentia deslocado diante de outra dimensão cultural, social e econômica; a crise da identidade, sua consolidação individual, afligiam o sujeito recém “libertado” do julgo da metrópole, a qual, por anos a fio, encobria a subjetividade vista pela ótica de uma identidade legítima, com base no seio das comunidades.

Via de regra, tais comunidades ainda refletiam os símbolos de uma cultura inculcada por uma burguesia parasitária e alheia aos aspectos gerais que problematizavam o enredo vital das ex-colônias africanas. Nos dizeres de Nascimento (2013), A inserção de elementos históricos, fatos e personagens, pode ser compreendida como uma imagem espelhada da narrativa oficial do lugar de onde o autor fala, ou seja, de Angola.

A desconstrução começa a partir do modo como Agualusa satiriza essa identidade global na trama de sua obra. Félix Ventura relutava, inicialmente, em vender passado para seu cliente (um estrangeiro chamado José Buchmann), daí os primeiros elementos da desconstrução, isto é, Félix também desejava se reencontrar com o seu próprio passado; porém, não dispunha de recursos suficientes para a viagem que resgataria sua identidade.

Vejamos abaixo uma passagem em que o protagonista justifica essa desconstrução na busca de encontrar uma identidade:

Cuidado meu camba, cuidado com os caminhos que escolhes. Não és um falsário. Tem paciência, inventa uma desculpa, devolve-lhe os dólares e diz-lhe que não pode ser (...) Dez mil dólares não se deitam fora. Passo dois ou três meses em Nova Iorque. Vou visitar

os alfarrabistas de Lisboa. Vou ao Rio, às rodas de samba, vou às gafieiras, aos sebos, ou a Paris comprar discos e livros. Há quanto tempo não vou a Paris? (p. 20)

Essa visão da Angola em período de adaptação aos seus novos caminhos está infiltrada nas reflexões das personagens. O estrangeiro, o qual, ansiava por uma identidade “nova” também conspirava a favor da desconstrução de uma memória que, para ele, só fazia sentido se fosse preenchido por grandes feitos.

Nessa tentativa de desconstruir, as personagens vão ampliando as discussões sobre questões do cotidiano, este de composição simples e de singular importância, porém eles não percebem essa riqueza contida em seus passados, ou na memória coletiva dos antepassados.

De acordo com Bauman (2005), o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis. Nessa perspectiva, Félix Ventura e José Buchmann entram numa espécie de realidade paralela no tocante à suas formas particulares de negociar a identidade através da memória.

Vejamos ainda como Bauman intensifica sua opinião a respeito desse assunto de identidade:

Estar total ou parcialmente “deslocado” em toda parte, não estar totalmente em lugar algum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa se sobressaiam e sejam vistos por outras como estranhos), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora. (BAUMAN, 2005, p. 19). ”

Os diálogos de Ventura e Buchmann eram frequentes quando se tratava dos questionamentos feitos pelo estrangeiro em relação aos antepassados, os quais foram fabricados (desconstruídos) por Félix de maneira a não deixar brechas quanto à autenticidade dos fatos descritos.

Foi o deslocamento de José Buchmann (o estrangeiro) que ancorou no discurso memorialista de Félix Ventura, ou seja, ambos, conforme a sensação de não pertencimento, de vazio histórico, estavam conectados agora por conflitos reais advindos de uma identidade que, para eles, não era mais flutuante, atentemos para o trecho onde o narrador fala da mudança em Buchmann: “Venho estudando desde há semanas José Buchmann. Observo-o a mudar. Não é o mesmo homem que entrou nesta casa, seis, sete meses atrás. Algo, da mesma natureza poderosa das metamorfoses, vem operando no seu íntimo. (p. 38)”.

A personagem, antes vista como um estrangeiro, já nutria na memória individual os elementos necessários para se autoconhecer enquanto alguém com um passado ilustre, de família abasta, nascido nos Estados Unidos da América, dentre outros pontos, os quais iam sendo preenchidos na sua história pelo discurso de Félix Ventura.

Refletindo ainda nas palavras do narrador, percebemos que esse preenchimento da memória era, dentro da nossa tese principal, a desconstrução

dessa mesma memória. Nos dizeres de Halbwachs (2003), a memória individual só tem um sentido prático porque advém do coletivo, da sensação de ser aceito por um grupo que torna legítimo esse processo de resgate da memória.

Analisemos uma passagem de “ O vendedor de passados”, na qual essa ligação da memória individual e coletiva aparece como misto de ficção e realidade:

– Estive na Chibia!

Vinha febril. Sentou-se no majestoso trono de verga que o bisavô do albino trouxe do Brasil. Cruzou as pernas, descruzou-as. Pediu um uísque. O meu amigo serviu-o, aborrecido. Santo Deus, o que fora ele fazer à Chibia?

– Fui visitar a campa do meu pai.

Como?! O outro engasgou-se. Qual pai, o fictício Mateus Buchmann?

– O meu pai! Mateus Buchmann pode ser uma ficção sua, aliás urdida com muita classe. Mas a campa, juro! Essa é bem real. (p. 38).

Para Halbwachs (2003), a desconstrução de uma memória deve funcionar como um conjunto de dados e noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, isto, pelo fato, de fazerem parte de uma sociedade. Por isso, quando, no diálogo acima, Félix Ventura se surpreende com o fato de o estrangeiro ter ido conhecer o túmulo do pai; mesmo sabendo que se tratava de uma “mentira”, podemos perceber a força desse mecanismo de desconstruir a memória.

Observemos a seguir mais uma consideração de Halbwachs acerca dessa especificidade criativa:

No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que estiverem mais frequentemente em contato com ele. As relacionadas a um número muito pequeno e às vezes a um único de seus membros, embora estejam compreendidos em sua memória [...] passam para o segundo plano. ( HALBWACHS, 2003, p. 51).

O foco da personagem, antes vista como um estrangeiro deslocado, na saga por uma identidade própria endossa sua vida naquilo que o interliga a um grupo, e este está, por sua vez, ligado a outros membros, a outros grupos. Nessa abordagem, o narrador também entra no jogo da desconstrução iniciada, diga-se de passagem, sem maiores pretensões por Félix Ventura, mas que contagiou a todos na busca por se desconstruir para se (re)inventar em seguida.

## O NARRADOR EULÁLIO E A DESCONSTRUÇÃO ATRAVÉS DOS SONHOS

No livro de Agualusa aparece como elemento estranho ao contexto uma osga (espécie de lagartixa comum no continente africano), porém o que nos chama a atenção é o fato de ser justamente esse animal o narrador da história. De acordo com Nascimento (2013), Eulálio sonha, há um total de seis sonhos descritos na narrativa, nessas viagens oníricas a osga ouve as vozes de seu passado que emergem como espectros, para recontar sua vida anterior de quando pertencia ao mundo dos humanos.

Diante desse cenário, podemos pensar em uma outra forma de desconstrução dentro da obra; consideremos chamá-la de desconstrução involuntária. O narrador não tem uma consciência manipulável da memória durante o sonho, o que lhe diferencia das outras personagens.

No trecho “Sonhei que tomava chá com Félix Ventura [...], – José Buchmann, será que você não percebe? Apoderou-se do corpo do estrangeiro. Ele torna-se mais verídico a cada dia que passa.” (p. 45), dá para identificarmos um diálogo imaginário entre Félix e Eulálio (este movido pelo sonho).

Os sonhos do narrador apontam para uma tentativa desesperada de sair do seu corpo de animal, ou melhor, da prisão do seu passado que o atormenta. Nesse diálogo existe uma desconstrução que, por ter sido provocada por um sonho, isenta, até certo ponto, o narrador; porém mostra o seu desejo de se desconstruir.

Nas palavras de Costa (2013), o que chama atenção nos sonhos de Eulálio é que a ambientação é feita em outro lugar, fora da casa. Para a osga, a casa é seu abrigo mais seguro e sair dela representa o perigo, mas representaria também a liberdade. A desconstrução de Eulálio está fora do seu ambiente, por conseguinte, depende da autorização de Félix Ventura.

Essa desconstrução está focada na luta de Eulálio não necessariamente por voltar a ser humano, mas na ânsia de adquirir uma identidade única, ilustre, digna de compor a história da humanidade, na visão capitalista moderna. Atentemos para a seguinte informação sobre esse processo de identidade desejada:

A ficção da “natividade do nascimento” desempenhou o papel principal entre as fórmulas empregadas pelo nascente estado moderno para legitimar a exigência de subordinação incondicional de seus indivíduos[...]. O estado buscava a obediência de seus indivíduos representando-se como a concretização do futuro da nação e a garantia de sua continuidade. (BAUMAN, 2005, p. 27).

Na verdade, por estar sempre no convívio de Félix Ventura, o narrador sente os impactos de uma sociedade instável e mais ainda os impactos de um espaço social restrito, dominado por uma elite inescrupulosa, a qual induz as demais classes a um processo de “construção” ilusório em que os privilégios estão sempre a serviço dessa classe dominante.

Vejamus uma opinião abaixo acerca dos aspectos de excluído, que o narrador assume no decorrer da trama, mas que, por outro lado, o torna um dos grandes narradores pós-modernos:



A mudez da osga – presa por sua natureza animal ao posto de observadora em alguns momentos-chave do livro, como no primeiro beijo de Félix e Ângela, ou no confronto entre Buchmann e Edmundo – de certa forma configura-se como uma estetização de Agualusa para o conceito pós-moderno de narração, que está mais atento ao discurso do excluído. (MONTEIRO, 2011, p. 185). ”

Diante dessa concepção do narrador em “O vendedor de sonhos” compreendemos a desconstrução involuntária de Eulálio como uma vontade oculta de assumir uma nova postura perante o seu interlocutor. Para que isso aconteça, o narrador se deixa levar pelos devaneios até os últimos momentos de vida.

### **PASSADOS SÃO VENDIDOS: A REINVENÇÃO DA MEMÓRIA**

Os diálogos, após o estreitamento da relação entre Félix Ventura e José Buchmann, passaram a dar destaque aos acontecimentos em torno das imagens, ora representadas por fotografias de Buchmann, ora desfocadas pela câmera de uma terceira personagem, a Ângela Lúcia – por quem Félix nutria uma paixão.

Esses episódios mostram uma distorção das propostas em torno da memória, isto é, esta passa a ser reinventada. “Gosto de o ouvir. Félix fala da sua infância como se realmente a tivesse vivido” (p.55). Nesta fala do narrador fica mais claro o caráter de mudança no comportamento de Félix, ou seja, Eulálio era o único que sabia que aquele passado relatado em grande estilo por Félix era como os seus sonhos.

Félix, ao narrar nitidamente se passado, apontava para a reinvenção já consolidada da memória. “Reconhecer por imagens, ao contrário, é ligar a imagem (vista ou evocada) de um objeto a outras imagens que formam com elas um conjunto e uma espécie de quadro[...] (HALBWACHS, 2003, p. 55). ”

Talvez esta questão das imagens seja responsável por embasar a reinvenção, visto que é depois de ver as fotografias tiradas por Buchmann que Ventura começa seu discurso de apropriação do passado. Por outro lado, as fotografias de Ângela não representavam muito para que ele pudesse trabalhar com a memória, já que ela concentrava suas imagens em elementos vazios, opacos, distorcidos.

As fotos tiradas por Buchmann, numa outra concepção, traziam figuras vivas, gente que de alguma forma contribuía para a reinvenção da sua história. Vejamos a seguinte passagem da obra em que percebemos nossos comentários:

José Buchmann distribuiu as fotografias sobre a grande mesa da sala, cópias em formato A4, papel mate, a preto e branco. Em quase todas aparece o mesmo homem, um velho alto, esguio, com uma cabeleira muito branca que lhe cai pelo peito, em grossas tranças, e se perde depois por entre os ásperos fios da barba. Assim como aparece nas fotografias, vestido com uma camisa

escura, em farrapos, na qual ainda se distingue, sobre o peito, uma foice e um martelo, e, todavia, de cabeça erguida, olhos acesos de cólera, lembra um príncipe antigo caído em desgraça. (p. 60).

Os detalhes são minuciosamente arquivados na memória como se esta fosse a principal represa de abastecimento do passado, dessa maneira, cada foto, cada pessoa retratada por Buchmann, representava a reinvenção não apenas do seu próprio passado, como também reinventava o passado de Félix, e de Eulálio.

Para Oliveira (2012), José Buchmann rompe com o seu passado, com a sua representação, apostando numa outra identidade, construída através do fictício imaginário, um “sonho” que se funde com o real. Essa mistura de realidade e sonho promove toda a reinvenção da memória.

Ainda tratando do poder da imagem evocada pela memória, vejamos a opinião de Halbwachs:

É bem verdade que em cada consciência individual as imagens e os pensamentos que resultam dos diversos ambientes que atravessamos se sucedem segundo uma ordem nova e que, neste sentido, cada um de nós tem uma história. (p. 57)

Esse processo de reinvenção da memória na obra em questão também ultrapassa os limites da consciência individual. O ambiente se coloca num outro polo, diante do que está sendo narrado e, assim como as imagens, influencia no discurso das personagens em torno da reinvenção.

Na concepção de Costa (2013), o espaço é configurado como uma projeção do personagem. Nessa visão, podemos dizer que a casa de Félix Ventura era a câmara secreta onde as memórias eram desconstruídas e reinventadas. “Enquanto descreve a casa, fica clara a relação que a osga possui com o lugar. Esta não é apenas uma relação entre morador e espaço habitado. (COSTA, 2013, p. 04) ”.

As influências externas são minimizadas para que o processo de se reinventar possa parecer o mais verdadeiro possível. No entanto, é José Buchmann quem procura a todo custo ultrapassar essa fronteira entre ambiente interno e externo. Na busca pelos vestígios deixado pela sua família “inventada” por Félix; José ignora os limites entre ficção e realidade, e entre o interior e o exterior.

Observemos um trecho do livro onde pudemos comprovar essa afirmação supracitada:

– Sim, mais-velho, eu sei que Nova Iorque é uma cidade muito grande. Mas se fui capaz de encontrar um semáforo em Berlim, e uma cabina telefônica, diante dele, com um acorrentado... é este o nome que se dá aos naturais da Chibia, sabia disso? ... se fui capaz de encontrar uma cabina telefônica, em Berlim, com um acorrentado lá dentro, à minha espera, também devo ser capaz de encontrar em Nova Iorque uma decoradora chamada Eva Miller – a minha mãe, meu Deus! a minha mãe! Em quinze dias, tenho a certeza, dou com ela. (p. 61).



José Buchmann, ciente de que seu passado transformado tinha nas viagens um significado, manteve o foco em descobrir o lugar onde se encontrava sua mãe, que, para ele, representava um elo de ligação com sua própria existência. Por isso, recusava-se a permanecer fechado naquele universo de ilusões que era a casa de Félix Ventura.

Para Halbwachs (2003), no trato com a memória há um fenômeno chamado de intuição sensível, e esta intuição está direcionada para o presente. Por isso, o autor ainda afirma que, “portanto, não podemos pressupor que ela seja capaz de se recriar espontaneamente, como se subsistisse em nós no estado de fantasma pronto a retomar corpo: transportada ao passado em imaginação, ela não é mais nada. (HALBWACHS, 2003, p. 60).”

Buchmann estava se adaptando ao processo de reinvenção, por isso precisava dessa intuição sensível para trazer do passado todo o conjunto de memórias antes nunca tido. Sua relação com o lugar é uma questão de se aproximar de si mesmo, independente da distância física e/ou temporal da busca.

Claro que todo o interesse da personagem, ou das personagens, era o de se impor através da conquista de uma identidade sólida, capaz de torná-los sujeitos “dignos” de aproveitar os prazeres que o mundo os oferecia, em cada lugar, ou em cada fase da vida. A memória, enrijecida de tantas lembranças horríveis: guerra, fome, dentre outros, precisava de um alento.

A reinvenção só poderia acontecer plenamente se o agrupamento das imagens e dos lugares fosse reformulado, como também se toda a reinvenção produzisse no presente as emoções, as sensações necessárias para se manter uma memória. “ Não nos bastaria rever os mesmos lugares para reconstruir sequências de reflexões e de sensações que certamente se desenrolaram nesse contexto espacial[...] (HALBWACHS, 2003, p. 63) ”.

## **A MEMÓRIA E OS NEGÓCIOS EM TORNO DA IDENTIDADE**

Se dissemos anteriormente que O vendedor de passados, de Agualusa, retrata a Angola pós-colonização; façamos, então, um esboço do que Bauman chama de “identidade nacional”. Observemos a seguir essa concepção sugerida por ele:

A identidade nacional foi desde o início, e continuou sendo por muito tempo, uma noção agonística e um grito de guerra. Uma comunidade nacional coesa sobrepondo-se ao agregado de indivíduos do Estado estava destinada a permanecer não só perpetuamente incompleta, mas eternamente precária – um projeto a exigir uma vigilância contínua, um esforço gigantesco[...] (BAUMAN, 2005, p. 27).

Em O vendedor de passados essa identidade sempre esteve ameaçada pelas constantes crises de um país sob o julgo do imperialismo. Assim como no Brasil, e nas outras ex-colônias portuguesas; a metrópole inculcava valores muito amplos

para que os colonos pudessem alcançar, dessa maneira, esse colono perdia uma referência mais próxima de suas raízes.

Na obra em análise, o momento em que pudemos perceber essas questões problemáticas foi quando entrou em cena a figura do mendigo Edmundo Barata dos Reis. Vejamos um trecho do livro no qual José Buchmann o apresenta a Félix Ventura:

- Quero apresentar-lhe o meu amigo Edmundo Barata dos Reis, ex-agente do Ministério da Segurança do Estado.
- Ex-gente!, diga antes, ex-gente! Ex-cidadão exemplar. Exponente dos excluídos, excremento existencial, excrescência exígua e explosiva. Em duas palavras: vadio profissional. Muito prazer... Félix Ventura estendeu-lhe a ponta dos dedos. Perplexo, enojado. (p. 85).

Como vimos, a personagem Edmundo representa o avesso das pretensões de Félix Ventura e José Buchmann. Para eles, a memória reinventada era uma forma de se afastarem da realidade vivida (no presente) pelo mendigo Edmundo. A alcunha de “ex-cidadão” mostra como o papel da identidade é complexo.

No conceito de Bauman (2005), quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer “natural”, predeterminada e inegociável, a identificação se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um ‘nós’. Nessa linha de raciocínio, o nojo demonstrado por Félix Ventura em relação a Edmundo, reflete a sociedade angolana da época.

Ainda na linha de pensamento Baumaniana, a obra de Agualusa (narrada por um réptil), e onde aparece o sujeito conhecido pelo sistema capitalista como o “vagabundo”, o “louco”, nos transmite a concepção da modernidade líquida, ou seja, das tentativas constantes de encontrarmos uma referência de nossas várias identidades.

É o que Bauman afirma na citação seguinte, atentemos para as conexões entre essa teoria e o estado identitário da obra literária em questão:

Não mais monitoradas e protegidas, cobertos e revigorados por instituições em busca de monopólio – expostas, em vez disso, ao livre jogo de identidades, e particularmente os sólidos e duráveis, não são nem procurados nem fáceis de construir. (BAUMAN, 2005, p. 35).

E assim as identidades, ou a crise destas, vão tecendo as relações entre as personagens de O vendedor de passados, pois nessas negociações de Félix Ventura com seus clientes a história vai se fixando na memória que reinventa passados, porém não podem garantir a estrutura social no presente, necessária para manter essa memória ativa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro do escritor angolano José Eduardo Agualusa nos remete a um mundo em que ficção e realidade se confundem a todo momento. A relação da memória com o sonho, com o presente e, sobretudo, com o passado; na obra analisada, conduz o leitor para dentro de si mesmo.

Nosso foco foi explorar os aspectos da narrativa ligados à desconstrução da memória e, a seguir, aos aspectos ligados à reinvenção. Sobre a desconstrução pudemos compreender o fato de ser a memória tratada como uma mercadoria de extrema relevância para as negociações da sociedade moderna.

O tema nos proporcionou uma reflexão em torno da identidade, ou da necessidade que temos de encontrá-la para, mais tarde, voltarmos a perdê-la. No tocante as personagens, nossa intenção foi considerar diálogos, nos quais pudéssemos identificar esse processo de desconstrução. No caso do protagonista, sua ideia era “apenas” de desconstruir o passado dos clientes, contudo o fenômeno ganhou proporções inesperadas.

No campo das negociações com a memória, o narrador (no papel de uma lagartixa) trouxe para a obra um dos elementos que causam estranheza, mas que se apresenta também como alguém em busca de si mesmo, de uma identidade, mesmo que corrompida pelo corpo, mesmo que esta aparecesse somente sob forma de sonho.

Identidade, memória e literatura formam a tríade categórica do livro de Agualusa. A respeito da primeira, chegamos à conclusão de que, por ser tão flutuante, esta ânsia da identidade, na narrativa, volta-se com toda força discursiva para as questões tratadas em Bauman acerca da “identidade nacional”, num espaço moderno sempre líquido.

A memória também se vincula ao manejo literário do autor em equilibrar os acontecimentos a partir de uma lógica pré-fabricada. Com isso, eximem-se, autor e personagens, da culpa da desconstrução memorialística. Coube, enfim, a literatura resolver esse desafio de reinventar a história.

---

## Referências

---

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi, Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- COSTA, Maria Emília Magalhães Martins da. **A significação do espaço no romance “O vendedor de passados”**, Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013. p. 01-09.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**, São Paulo: Centauro, 2003.
- MONTEIRO, Bernardo Elizeu de Queiroz. **A confluência da(s) história(s) em “O vendedor de passados”**, em: O insólito em Língua Inglesa – Simpósios – Dialogarts, 2011, p. 183-194.
- NASCIMENTO, Denise Aparecida do. **As falsas verdades ou a história construída em: O vendedor de passados, de José Eduardo Agualusa**, I Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades – Universidade Federal do Espírito Santo. GT Africanidades e Brasilidades em Literatura, 2012, p. 01-10.

OLIVEIRA, Romilton Batista. **Representação e memória em O vendedor de Passados, de José Eduardo Agualusa e Os cus dos Judas, de Antônio Lobo Antunes: Nos limiares da experiência afro-lusófona.** IX SEPEXLE: Seminário de Pesquisa e extensão em Letras, Universidade Estadual de Santa Cruz, 2012, p. 01-31.

---

### Para citar este artigo

---

SOARES, Paulo César Ferreira. *O vendedor de passados: desconstrução e reinvenção da memória na obra de José Eduardo Agualusa.* **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 5, n. 1, p. 42-53, jan.-jun. 2016.

---

### O autor

---

**Paulo César Ferreira Soares** é Mestre em Ensino de Línguas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.